



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

CENTENÁRIO DE ANTÓNIO AUGUSTO DA SILVA CARDOSO.

SIMÕES, Joaquim António Santos

Ano: 1996 | Número: 106

Como citar este documento:

SIMÕES, Joaquim António Santos, Centenário de António Augusto da Silva Cardoso.
Revista de Guimarães, 106 Jan.-Dez. 1996, p. 299-318.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Centenário de António Augusto da Silva Cardoso

J. Santos Simões*

Revista de Guimarães, n.º 106, 1996, pp. 299-318

Não foi tarefa fácil organizar esta homenagem a António Augusto da Silva Cardoso.

Mas as dificuldades não podiam de nenhuma forma impedir-nos de aproveitar o ensejo propiciado pela passagem do Centenário da sua morte para prestar homenagem a um homem que marcou a Guimarães do seu tempo e foi activo companheiro de jornada daquele conjunto de homens notáveis que fundaram esta Casa.

Aqui encontrou a compreensão, a estima e o respeito pelo homem, pelo artista e pelo pedagogo.

As grandes marcas da sua vida, que ele fruiu, realizando-se e realizando como poucos, foram-se diluindo com o tempo, não por serem indeléveis, mas por serem frágeis, principalmente na memória dos homens.

A sua sensibilidade fê-lo entregar-se à arte não só por encontrar no desenho uma forma de expressão sedutora mas também nas várias formas por que podia interpretar a figura humana.

A sorte – palavra que explica muita coisa sem dizer nada – levou-o de Guimarães para uma aventura que só existe nos livros.

Pois quem é que se atreveria a engendrar uma história em que um jovem saído da rua da Calçada (ao menos a ficção podia fazê-lo nascer no Toural) iria encontrar um francês no Rio de Janeiro e ambos dedicados à litografia que não era (é) actividade vulgarizada e à

* Elogio proferido pelo Presidente da Sociedade Martins Sarmiento na Sessão Solene realizada em 27.05.1993

fotografia que havia nascido há uma escassa dezena de anos em França?

A litografia levou-o por certo à Academia Imperial de Belas Artes onde apurou a sua natural propensão para o desenho e, mais do que isso, percorreu os caminhos da iniciação metódica e progressiva que mais tarde muito viriam a ajudá-lo.

E aqui, estão os elementos formativos que fizeram desabrochar o pintor, o fotógrafo e o professor.

O pintor esteve sempre limitado pelo meio talvez porque santos da porta não fazem milagres e Roquemont ainda estivesse muito presente e ou tivesse esvaziado as bolsas das famílias vimaranenses com posses para esses luxos.

A fotografia, Ah! essa foi arte de salvação, mas mais de 100 anos passados sobre imagens nítidas ou, pior, amarelecidas, de tetravós e bisavós (pelo menos) que nem sequer se chegaram a conhecer, faz com que essas pequenas preciosidades com a chancela expressiva de A.A.S.Cardozo ou simplesmente Cardozo tenham saído de cima dos móveis para as gavetas de estimação, das gavetas de estimação para os armários de arrumos e finalmente para o sótão até desaparecerem. Das aulas da Academia Imperial ficou a lembrança de um sistema escolar organizado que depois foi adaptado à realidade vimaranense.

Chegou até nós o precioso regulamento por ele elaborado e que foi desenterrado do livro de actas da Sociedade para vir até à luz dos nossos dias como desafio e como exemplo.

Esta Casa, que foi sua, tem três excelentes trabalhos seus, a V.O.T. de S. Francisco deixou sair do seu recato o benemérito D. Carlos na sua imponente real, a Irmandade de S. Pedro permitiu que os vimaranenses pudessem admirar a preciosa cabeça de S. Paulo que ilumina a sua sala de reuniões, um bom amigo desta casa, o Senhor António Vaz Vieira emprestou-nos uma preciosa colecção de fotografias e, finalmente, os últimos são os primeiros, a família, toda a família, que se polarizou na incansável recolha feita pelo Senhor Jorge Marinho e pelo Senhor Arquitecto António da Silva Cardoso.

Sem todas estas ajudas não teria sido possível apresentar com um mínimo de dignidade uma Exposição digna de um homem que foi sócio fundador desta Casa e seu Sócio Honorário pelos relevantes serviços prestados.

Uma palavra ainda para a Escola de que ele foi o primeiro director de facto e que iniciou as suas actividades em salas da Sociedade Martins

Sarmiento, quando a Sede desta Instituição se localizava exactamente no prédio contíguo, à Casa de Martins Sarmiento, no que hoje é o Largo que ostenta o nome do Sábio.

O nome do artista vem à colação porque não é fácil encontrar em todo o país uma Escola que tenha tido à frente dos seus destinos artistas como António Augusto da Silva Cardoso, seu filho o Pintor Abel Cardoso e o Escultor António de Azevedo.

E para finalizar este intróito, não quero deixar de recordar que o nosso homenageado, se encontrou quem o continuasse com prestígio acrescido no ramo da arte e da pedagogia, legou também a esta Sociedade uma parte de si mesmo através do investigador que tanto prestígio alcançou para esta Casa de Sarmiento em várias áreas do saber e particularmente na arqueologia: Mário Cardoso.

É neste contexto que temos de homenagear o homem cujos dados biográficos pertencem a um labirinto pouco menos que inextricável porque, nem os jornais da época, nem os que deviam preservar a sua memória, o fizeram de acordo com o valor e mérito de António Augusto da Silva Cardoso.

Por tudo isto, eu não posso deixar de factualmente me referir a ele, pese embora interiormente sinta uma enorme ternura pela memória deste homem que descobrira minha e sua escola, quando passou um século sobre o dia em que ele lhe insuflou vida e saber, colocando-a ao serviço da sua terra.

Passa hoje o centenário da morte de um homem injustamente esquecido e que o vários títulos honra a terra que o viu nascer e toda a região que inconscientemente na esmagadora maioria dos casos, guarda por amor dele a memória dos seus antepassados.

Creio bem que a ingratidão – pese embora não seja deliberada, mas apenas fruto da ignorância – leva o que se cometam injustiças imperdoáveis.

António Augusto da Silva Cardoso nasceu em Guimarães, a 20 de Janeiro de 1831, num prédio da antiga rua da Calçada (hoje rua de Francisco Agra) onde seus pais moravam.

António da Silva, o pai, era, no dizer de seu neto Mário Cardoso, um modesto comerciante, casado com Joana Cardoso.

Do registo paroquial consta ter sido baptizado na Igreja de S. Paio (hoje desaparecida), e haver por madrinha sua irmã Joaquina Cardoso da Silva.

A rua da Calçada foi o centro do seu mundo de criança. Em Guimarães aprendeu as primeiras letras e ajudou seu pai no negócio e nas pequenas tarefas.

Tímido, alimentou no seu espírito desde muito cedo os sonhos e ambições que não transmitiu a ninguém.

A sua entrada na adolescência fez-se acompanhada pelo rufar dos tambores e pela revolta que encheu as ruas de Guimarães durante a Maria da Fonte.

O meado do século, com o governo de Saldanha, deve coincidir com a sua partida para o Brasil.

A referência que existe é a de que “Muito novo ainda, emigrou para o Brasil em demanda de fortuna e trabalho”.

As condições políticas vigentes em Portugal dificilmente permitem acreditar na sua partida antes da Patuleia.

Sabe-se de ciência certa que se fixou no Rio de Janeiro onde se empregou no comércio.

Mas também é difícil admitir que manifestou os seus dotes de bom desenhador e teria sido aliciado a ganhar o seu sustento aliando o ganha-pão a uma actividade em que se sentia realizado.

“Daí ter praticado a litografia, associado a um fotógrafo de origem francesa”.

Esta actividade, fora dos trabalhos de sol-a-sol no comércio, permitiu-lhe matricular-se na Academia Imperial de Belas-Artes da capital brasileira.

Pode dizer-se que fez um Curso brilhante já que numa Exposição da Academia, realizada em 1860, obteve uma medalha de prata, como prémio de três cópias que apresentou, entre as quais O Alcoólico e O Tempo.

O pintor trouxe para Portugal estes trabalhos que estavam na posse de seu filho o pintor Abel Cardoso. Crê-se que um incêndio que deflagrou na casa deste artista, em Lisboa os tenha consumido.

Sabe-se, porém, que a cabeça de “O Alcoólico” era uma maravilha de técnica, o que pode ser comprovado no conjunto das obras que se encontram na exposição.

António Augusto voltou a Portugal antes dos anos 40. Quando de refere que tal possa ter acontecido tal deve-se ao facto de haver uma fotografia do artista no seu atelier da rua onde nasceu, datada de 1871.

Acontece por outro lado, existirem documentos que registam a presença do pintor em Guimarães em 1868, e já entregue a uma actividade que supria a pequena frequência de pessoas interessadas nos seus talentos de pintor retratista: a fotografia.

De facto, Martins Sarmiento nos seus Cadernos de Fotografia, regista em 13 de Junho de 1868: “Por mais que faça, todo o retrato sai sem vigor. Apenas metade de um meu, em 15 segundos (que era uma exposição longa) saiu duma nitidez perfeita. Era a parte mais iluminada. Este traço cumpre ser registado; mas a causa? É efectivamente falta de luz; mas porque me saem mal os retratos, que, no mesmo local saíram bem ao Novais? No entanto, se a culpa é dos ingredientes, como saiu meio corpo (as partes baixas, por desfortuna) perfeitamente nítido?

E o calor? Não sei.

O barão (de Pombeiro?) falou nisto ao Cardoso, que declara ser culpa do colódio, com que ele também (com o comprado) não faz nada ao calor. Prepara-o ele mesmo. Também eu o prepararia, se a impaciência mo consentisse para já. Mas a preparação, segundo Bride, leva 7 a 8 dias. É muito. Pedi ao Novais algum daquele com que ele trabalha. Veremos se o manda e se damos no vinte”.

E em 15 de Junho (2 dias depois), Sarmiento mostra a sua determinação: “Se ainda assim, nada se obtém, hei-de procurar novos recursos. Desanimar é que não. O colódio novo chegou. O cliché saiu manchado, e eu creio ter sido por o liquido vir turvo da jornada. Pouco importa isso. Hoje creio que o colódio é inocente das culpas que lhe observava o Cardoso”.

Só um ano depois (18 de Junho de 1869) há nova referência. Estranha-se o tempo de permanência fora de Guimarães e na Serra (qual?).

Será que a sua curiosidade pela arqueologia começou antes das que realizou sistematicamente, a partir de 1875, na Citânia Briteiros?

Mas passemos à transcrição: “E meteu-se mês e meio de Serra, e à volta mau tempo, preguiça, etc., de sorte que não pus mais mão em fotografia, até que o filho do Salazar precisou dum retrato do Mendes Ribeiro para por ele tirar um a óleo, e veio bater à minha porta, a pretexto de lhe ter o Cardoso fechado a dele. Seria isto em Fevereiro (...)”.

É claro que o nosso homenageado não estaria pelos ajustes de fazer a fotografia para outro, a partir dela, “tirar um óleo”. Para fazer a

pintura a óleo estava ali ele que não precisava da máquina fotográfica como intermediária!

Deduz-se do que escrevi, estar já em pleno labor na década de 70, o pintor e o fotógrafo, no seu atelier de pintura com anexo de fotografia. Instalou-se primeiro na sua rua da Calçada (hoje Francisco Agra) e possivelmente no estabelecimento que era de seu pai.

Porque o negócio (da fotografia) se expandira, muda para a rua D. João I.

Em 1873 casa com Margarida da Silva e Vasconcelos Mota, oriunda da Casa da Mota (S. Martinho do Campo) e talvez por este motivo o seu atelier (e casa de habitação) passa para a rua D. João I.

Seu filho Mário Cardoso, que temos citado alguns passos do seu trabalho, publicado na Revista de Guimarães, em 1934, traça “o seu perfil espiritual” e afirma que “foi um dos vimaranenses notáveis do seu tempo, e daqueles que mais ilustraram a sua terra, pela inflexível honradez do seu carácter e pelo brilho do seu talento de artista, velado apenas por um quase doentio retraimento, a que o levava a sua modéstia”.

Entretanto foi pintando alguns dos poucos quadros de que há conhecimento.

Há quase a certeza de que várias casas abastadas e ou aristocráticas de Guimarães tiveram o bom gosto de guardar nas suas paredes quadros de António Augusto.

Temos na Exposição o formoso retrato de dama (da casa dos Condes de Vila-Pouca), de primorosa execução, e onde se destaca o domínio de uma técnica de pintura que para ele não tinha segredos.

Também o retrato do rei D. Carlos (obviamente uma cópia de fotografia) é trabalho arrojado pela dimensão, mas de um equilíbrio e pureza de linhas e tonalidades que lhe emprestam uma natural dignidade ao figurado. Pertence à galeria dos benfeitores da Irmandade da V.O.T. de S. Francisco.

Verdadeiramente bela é a imagem de S. Paulo, reprodução de quadro de autor notável, e que é propriedade de Irmandade de S. Pedro.

Um expressivo quadro do pai do pintor que se encontrava na posse do Dr. Eduardo de Almeida sofreu descaminho que a família deste prestigiado vimaranense não sabe explicar.

Ficou-nos um quadro de dimensões mais pequenas do pai do Artista, de grande qualidade técnica, e que é espelho da sua própria timidez.

O retrato da mãe foge à norma académica por que se manifesta quase toda a sua pintura.

Não de vê no rosto severo qualquer traço de mulher indecisa. Também a não enriquece no trajar para a promover socialmente no futuro.

É um quadro realista.

Uma fotografia do artista, quadriculada, pese embora o seu diminuto tamanho, serviu-lhe para fazer um auto-retrato que é mais exterior que interior, embora o domínio da técnica e da cor sejam perfeitos.

Notáveis, tanto o retrato a carvão como o retrato a óleo de Martins Sarmiento, que são propriedade desta Sociedade.

Ao Museu da Sociedade pertence também o estudo para um retrato que, apesar das suas pequenas dimensões, apresenta um tratamento mais vigoroso.

É nitidamente obra de um artista que, quando quis, soube ser original, dando largas à sua capacidade criativa frente a modelos não impostos. Finalmente outros trabalhos de género completamente diferente surgem na mostra que acabamos de inaugurar.

Trata-se de sanguíneas onde o artista faz sobressair os seus dotes de desenhista através de uma técnica que não está muito difundida.

Pois pese embora a qualidade excepcional do Pintor, ele teve de socorrer de fotografia para poder defender-se.

E em boa hora o fez porque também nesta modalidade em que ele foi percursor, em Guimarães, com Sarmiento, ele viria a afirmar-se um artista notabilíssimo quer através da Forma como explorava a figura quer pela técnica apurada que conseguiu.

Deliberadamente, colocaram-se as fotografias de Santa Luzia, da rua D. João I e, finalmente, da rua da Rainha em vitrines separadas para se verificar que, em qualquer dos ateliers encontramos trabalhos de grande qualidade.

Não deixa de ser curioso o registo que se encontra no Relatório da Exposição Industrial de Guimarães, em 1884, onde na página 21 se pode ler:

Fotografia

Há na cidade dois ateliers fotográficos. Um pertence ao Sr. Francisco Martins Sarmiento, o sábio arqueólogo muito conhecido, que se serve da fotografia exclusivamente para a reprodução dos objectos que tem descoberto nas suas investiga-ções. O outro, propriedade do Sr. A. A.

da Silva Cardoso, pintor-retratista, é sobretudo um acessório da sua arte. As provas que aparecem na Exposição, ficaram fora do Concurso. Com a ressalva já apontada para as investigações de Sarmiento e objectivo da sua actividade fotográfica, podemos e devemos citar a justa referência que Mário Cardos faz a seu pai neste capítulo:

“Foi portanto, o Pintor Cardoso o precursor da arte fotográfica em Guimarães. De tal se podem e devem honrar os fotógrafos vimaranenses. Os trabalhos saídos do seu atelier ainda actualmente se destacam, apesar do formidável avanço de técnica moderna (não nos esqueçamos que este texto é de 1934), pela perfeita nitidez e conservação das provas, suavidade e boa distribuição da luz, discrição e segurança do retoque, naturalidade e beleza das atitudes, o que bem mostra as suas excelentes aptidões de operador, difíceis de encontrar presentemente reunidas, mesmo nos melhores profissionais. Foi também Cardoso um dos que primeiro trabalharam em Portugal a fotografia em esmalte”.

Depois de focarmos as duas facetas de António Augusto da Silva Cardoso que mais directamente emergiram da sua escola oficial e particular no Rio de Janeiro, cremos bem que nunca lhe teria passado pela cabeça poder vir a transmitir conhecimentos, orientar vocações, criar oportunidades de êxito profissional, contribuir, numa palavra para o desenvolvimento da sua terra numa época crucial de viragem.

E foi nesta casa transformada em monumento vivo a essa figura de excepção que foi Martins Sarmiento, que uma nova expressão do valor do nosso homenageado veio a brotar.

Na sessão extraordinária da Direcção da Sociedade Martins Sarmiento de 8 de Novembro de 1882,

“O senhor António Augusto da Silva Cardoso participou à Direcção que o senhor Teixeira de Freitas o encarregara de oferecer à Sociedade um Compêndio de Problemas de Desenho Linear Rigoroso por José Miguel d’Abreu. O mesmo senhor fez igual participação a respeito de um oferecimento por parte do senhor José Miguel da Costa de um Compêndio ‘Cours Rationnel de Dessin’ por L. Henriet e os respectivos atlas.

Resolveu-se agradecer as ofertas.

O senhor António Augusto da Silva Cardoso mandou para a mesa o projecto de fundação do curso de desenho profissional.

Teve a primeira leitura e depois do que o Senhor Presidente (Dr. José da Cunha Sampaio) depois de o dar para a ordem da noite da próxima sessão, encerrou a sessão”.

Apenas dois dias depois, a dez de Novembro, reúne novamente a Direcção em sessão extraordinária.

O ponto único da ordem da noite era constituído pelo projecto de fundação de um curso de desenho profissional. Depois de discutido, foi aprovado na generalidade.

Em seguida discutiu-se na especialidade, ficando aprovado todos os seus doze artigos e parágrafos.

O regulamento do “Curso de desenho profissional” foi apresentado para apreciação e aprovação em 1 de Dezembro do mesmo ano.

O curso compreendia desenho linear, de ornato e figura.

O número de alunos a admitir não podia exceder 20 e podia ser frequentado gratuita ou mediante o pagamento de uma mensalidade.

O número de alunos poderia aumentar caso o professor e a direcção da Sociedade estivessem de acordo.

Ficava também estipulado que por cada grupo de vinte alunos com matrícula paga se poderiam admitir cinco com frequência gratuita.

Verifica-se que, o próprio regulamento abria de imediato a possibilidade de a turma poder ser constituída por 25 alunos.

A duração de cada aula era de uma hora e meia.

O curso era destinado a indivíduos que exercessem alguma actividade industrial nesta cidade, ou concelho, há mais de ano, e os filhos destes até à idade de 15 anos e que se destinassem à actividade industrial.

Só poderia frequentar o Curso quem soubesse ler e escrever.

A preocupação de dar oportunidade a maior número de candidatos também foi contemplada. Se o número excedesse o fixado no regulamento, far-se-ia uma distribuição por classes de indústria; dentre os da mesma indústria, ou indústrias similares, seriam preferidos os que primeiro se matriculassem e não havendo prioridade, seriam preferidos os chefes ou donos de oficinas e mestres de obras.

Os alunos denominados de paga eram obrigados a pagar no princípio de cada mês de acordo com os lucros industriais prováveis: se o lucro ou salário diário não fosse inferior a quinhentos réis a mensalidade seria de 500 réis e de mil réis para os que não fossem industriais.

Eram admitidos gratuitamente apenas os industriais que vencessem salário diário inferior a quinhentos réis e os filhos destes até à idade de quinze anos.

Uma outra condição era taxativamente imposta: somente eram admitidos na aula os alunos que se apresentassem em conveniente estado de limpeza e compostura.

E havia as sanções ao comportamento:

“O aluno que faltar ao respeito devido ao professor, que for turbulento, ou altercar com qualquer condiscípulo ou qualquer pessoa dentro da casa da Sociedade ou nas suas imediações, será pela primeira vez advertido pelo professor, pela segunda vez riscado da matrícula e expulso por deliberação da direcção”.

Quanto à aplicação do produto das mensalidades, até dez mil réis pertenceria ao professor sem qualquer dedução; do excedente far-se-á dedução de metade para o cofre da Sociedade.

A parte final do regulamento foca aspectos pedagógicos e define para o melhor aproveitamento dos alunos quer no que se referia a estes quer aos professores.

Assim, o professor adoptaria os métodos que julgasse convenientes, participando-o à Direcção.

A Sociedade, por sua vez, forneceria o material próprio para o ensino, excepto o de uso privativo dos alunos que seria por estes adquirido.

Se o aluno de paga faltasse às aulas durante o mês seguinte aquele cuja a mensalidade, fosse paga (a mensalidade era paga adiantadamente até ao dia 8 de cada mês), sem motivo justificado, seria riscado da matrícula sob proposta do professor.

Os de frequência gratuita não podiam faltar e fazendo-o mais de dez vezes no ano lectivo poderiam ser riscados pela direcção sob proposta do professor.

Por seu lado, o professor, faltando mais de seis vezes sem motivo justificado, perdia a mensalidade de um aluno por cada vez que faltasse.

No caso de faltas do professor este poderia ser substituído por pessoa de sua escolha de acordo com a Direcção.

Destaque-se que o Curso era nocturno com aulas duas vezes por semana e decorria de Outubro a Julho inclusive.

É obvio que os industriais a que o regulamento se refere têm de ser entendidos no contexto da época em que dominava a indústria artesanal.

O empenhamento desta Sociedade neste projecto de formação de base foi total.

Em 6 de Dezembro, menos oito dias após a aprovação do Curso em Assembleia Geral já a Direcção autorizava o consócio e digno professor do instituto (que existia por força do desaparecimento do Colégio das Hortas), “senhor António Augusto da Silva Cardoso a adquirir os modelos e mais objectos necessários para a aula de desenho profissional que vai abrir-se; bem como da compra dos candeeiros necessários para a iluminação da referida aula”.

Este Curso tem curta duração, dois anos, pois a Sociedade Martins Sarmiento sabia que era indispensável o Estado abrir uma Escola em Guimarães que, aliás, já havia sido criada no papel em 1864.

A dinâmica de progresso fomentada pela geração que ergueu esta Casa era, de facto, imparável.

Em Julho de 1884, o visconde de Lindoso entregou à Direcção da Sociedade um ofício do deputado Mariano Carvalho em que este entregara à Sociedade Martins Sarmiento 20\$000 réis, a fim desta quantia der distribuída, como prémio aos dois alunos mais distintos da escola de desenho industrial, criada ultimamente nesta cidade, ou da escola de ensino industrial, que venha a substituí-la.

Esta quantia resulta do facto do deputado ter sido nomeado vogal do conselho superior de instrução e ter decidido dividir os proventos deste cargo por forma útil à instrução popular.

Por este facto e pela valiosa intervenção de Mariano de Carvalho na criação da Escola de desenho industrial, levou a que fosse declarado sócio honorário da Sociedade.

Com este gesto o deputado, chamou a atenção para a importância da criação do Curso de Desenho na Sociedade e início de actividade da “Francisco de Holanda” e porque o professor que protagonizou todo o processo na Sociedade iria continuar a sua obra na Escola oficial:

“A direcção também tem a honra de propor que se proclame sócio honorário o senhor António Augusto da Silva Cardoso, digníssimo professor do Instituto Escolar e do curso nocturno de desenho. E também um acto de justiça, pela expressa disposição do regulamento, têm sido tão relevantes os serviços prestados por este nosso digno consócio, e tão reconhecidos são eles, que a direcção julga supérfluo enumerá-los. Bastará afirmar mais uma vez que o senhor Cardoso é um dos nossos mais beneméritos concidadãos”.

A exposição industrial de 1884 foi a acção determinante que levou à criação da Escola de Desenho Francisco de Holanda e quase de seguida rebaptizada da Escola Industrial Francisco de Holanda.

Em 12 de Dezembro de 1884, o Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria (não havia Ministério específico para a Instrução) faz publicar:

“Sua Magestade El Rei, conformando-se com a proposta feita pelo inspector das escolas industriais e das de desenho industrial na circunscrição do Norte. Há por bem nomear por tempo de dois anos, António Augusto da Silva Cardoso, habilitado com o curso completo de Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro, para o lugar de professor de uma das Cadeiras de desenho industrial criadas por decreto de 3 de Janeiro do corrente ano; devendo no fim deste prazo apresentar-se a concurso para obter a nomeação definitiva.

Assinado António Augusto de Aguiar.”

Em 21 de Janeiro de 1885, António Augusto Cardoso comunicava ao inspector das escolas de desenho industrial que “a matrícula d’esta escola eleva-se ao avultado número de 131 sendo 66 do curso nocturno e 65 do curso diurno, inclusive 28 do sexo feminino (...). Alguns alunos já matriculados no curso nocturno e outros que possam vir a matricular-se terão de esperar por não termos presentemente sala que comporte (como V.Exa. sabe) um número superior a 30”.

António Augusto Cardoso acumulava as funções de director de facto da “Francisco de Holanda” com as de secretário e servente.

Para além dele apenas fora nomeado para guarda António de Souza Roriz, queixando-se o Prof. Cardoso em carta de 22 de Março que “até hoje ainda não recebeu os seus vencimentos”.

Em 3 de Julho do mesmo ano envia ao seu superior hierárquico, o Inspector das escola de desenho industrial, o mapa da matrícula (...) mas tão somente dos alunos com profissão sendo estes em número de 65 que juntos a 87 matriculados sem profissão (sendo 45 do sexo masculino e 42 do sexo feminino) perfaz a totalidade de 152, sendo a média de frequência diária de 90 a 100.

O primeiro aluno que efectuou matrícula foi Zeferino Afonso Moreira, de 19 anos, natural de Afife, concelho de Viana do Castelo, estucador de profissão e residindo em Guimarães.

Deu-se com este aluno o facto singular de ter sido ele quem no final obteve a melhor classificação: 20 valores.

Em 10 de Agosto envia ao Inspector

“o mapa dos alunos que fizeram exame de desenho elementar nesta escola, no corrente ano e por ele verá V. Exa. os valores obtidos por cada um dos examinados. Submeto à aprovação de V. Exa. os alunos seguintes para serem contemplados com prémios que porventura se tenham de distribuir. Zeferino Afonso Moreira, João de Sousa Neves, José Matias dos Santos e Manuel de Oliveira Coutinho”.

Na mesma carta propõe que o aluno Zeferino, não só pelo seu aproveitamento como pelo seu exemplar comportamento, fique a velar pela aula durante a ausência dele durante as férias.

A última carta que António Augusto Cardoso escreve como responsável pela Escola tem a data de 20 de Novembro de 1885 e serve para acompanhar as provas de desenho elementar feitas em Julho e mais alguns trabalhos.

António Augusto da Silva Cardoso é provido no lugar de professor de desenho na Escola Industrial Francisco de Holanda a título definitivo em 14 de Junho de 1888. A determinação é assinada por El Rei e Emídio Navarro.

O homem a quem Guimarães ficou a dever o arranque do ensino industrial, em Guimarães, já não iria completar cinco anos de actividade docente na sua escola onde foi professor até ao fim da vida. Como prenúncio do avizinhar da morte, o jornal “Argonauta” no seu suplemento ao nº 4 de 26 de Janeiro de 1893 inseria o seguinte anúncio,

“Fotografia – Vendem-se máquinas e mais acessórios para a fotografia, ensinando-se também a arte.

63, Rua de Santa Maria, 63
Guimarães”

O atelier do pintor e fotógrafo situava-se na mesma casa onde vivia com sua família.

Ali nasceu Mário Cardoso e a casa está assinalada com uma lápide que regista este acontecimento.

Às três horas da tarde de 27 de Maio de 1893 falecia na sua casa António Augusto da Silva Cardoso.

A Imprensa local referiu-se ao seu passamento com notícias mais ou menos desenvolvidas.

No próprio dia do seu falecimento o jornal Religião e Pátria informava:

“António Augusto da Silva Cardoso – São quatro horas da tarde. Faleceu agora este nosso conterrâneo, distinto fotógrafo e professor de desenho na escola industrial d'esta cidade”.

E o Comércio de Guimarães de 29 de Maio referia-se-lhe nestes termos:

“Faleceu anteontem, às três horas da tarde, vítima de uma congestão, o senhor António Augusto da Silva Cardoso, professor de desenho na escola ‘Francisco de Holanda’, e no Colégio de S. Nicolau.

O infausto acontecimento compungiu todos os habitantes d'esta cidade, que mais conheciam as suas altas benemerências de cidadão prestante.

Especialmente a classe artística de Guimarães deve ao finado professor serviços de extraordinária dedicação pelo seu progresso técnico. De carácter triste, deslizando para a taciturnidade, sem expansões palavrosas, antes de dicção curta e breve, tinha a expansão nos seus actos, e desde que começou a regência do curso de desenho industrial dedicou-se à satisfação de deveres que assumiu com uma tenaz assiduidade, com tão absorvente cuidado, em cursos diurnos, numerosíssimos, percorrendo as bancadas dos alunos com infatigável cuidado e guiando a todos com igualdade, com inteiro desprendimento de suas comodidades, de modo que o único defeito que se notava nos resultados pedagógicos dos seus cursos era o aperfeiçoamento de trabalhos que oficialmente se não exigem aos alunos industriais.

Foi mais que um professor exemplar; foi um benemérito patriota, e talvez que essa sua dedicação fosse a causa da moléstia grave, que terminou numa congestão mortal.

Aos ofícios fúnebres, que ontem se realizaram na igreja de S. Francisco, assistiu numerosíssima concorrência”.

É interessante recordar aqui os termos de profunda simpatia com que, pelo seu falecimento, ficou registado na Acta da Sessão da Sociedade,

em 2.6.1893, um voto de sentimento, proposto pelo Presidente, ilustre causídico e escritor que foi o Dr. Avelino da Silva Guimarães:

“Faleceu o senhor António Augusto da Silva Cardoso, sócio honorário desta Corporação; e, entre os Sócios Honorários, um daqueles a quem esta Sociedade deve os mais relevantes serviços, a mais dedicada devoção, como fundador, como professor, já regendo os primeiros cursos de desenho industrial, diurnos e nocturnos, até ao estabelecimento da Escola “Francisco de Holanda”, já regendo o curso de desenho do Instituto Escolar, já prestando às diversas Direcções o seu concurso de serviços e de conselhos, o falecido foi para esta Sociedade, e para a consecução dos seus fins patrióticos, uma das suas mais fortes pedras angulares, um dos seus mais seguros apoios. Não passaram ainda quinze dias, que ouvi ao ilustre falecido considerações de vivo interesse pelos progressos desta Corporação e da instrução popular vimaranense, vivacidade singular naquele homem de carácter reservado e triste, e já minado da doença gravíssima que o prostrou. Foi um benemérito; deixa na organização social vimaranense uma lacuna mui larga! Proponho pois se consigne na acta um voto de saudosa gratidão e se envie à dolorida Família a expressão do nosso sentimento”.